

O grito dos maus e o silêncio dos bons...

Com as facilidades que a tecnologia trouxe aos meios de comunicação, vivemos numa aldeia global, onde o que acontece num país distante, parece estar ocorrendo no quintal de nossa casa. Com isso, as alegrias e as tristezas, a tranquilidade e a agonia, as conquistas e as derrotas de uns, ato contínuo são sabidas e sentidas pelos demais, ao derredor do mundo. Mas, principalmente, as más notícias e as atrocidades. Até quando? Qual o contributo para melhorias pessoais, familiares, sociais? Somos proativos ou omissos? De acordo com o LE, questão 642, aprendemos que somos responsáveis não só pelo mal que fazemos, também pelo mal que decorra do bem que deixemos de fazer. Ou seja, a nossa omissão nos faz coresponsáveis pelas consequências que dela advenham. Na frase atribuída a Martin Luther King “o que me preocupa não é o grito dos maus, mas o silêncio dos bons” ou na de Edmund Burke de que “para que o mal triunfe basta que os homens de bem se calem”. Então, grande é, ainda, a perversidade do homem. Grandes têm sido os adiantamentos e avanços intelectuais e morais, precisamos reconhecer. O grande impulsionador do progresso tem sido o mal quando chega ao excesso, e somente depois daí é que se faz compreensível a necessidade do bem e das reformas. Algumas perguntas. Será que ainda precisamos perder alguma coisa para somente então valorizá-la? Até quando vamos nos permitir essa prejudicial atitude de nos mantermos de braços cruzados? Que tal aplicar o provérbio chinês, que diz: “Todos os dias penteamos e arrumamos os cabelos. Por que não o coração?” e começar a combater o mal com medidas do bem?

Fonte. Até quando. Editorial. Jornal Mundo Espírita, n. 1567, p. Fev 2015.

Think about it!

Copy by TO, 01abr2015